

Agilberto Lima/AE



PROTESTO PATAXÓ: índios estendem faixa preta no altar durante celebração dos 500 anos de Cristianismo

Igreja pede perdão na missa dos 500 anos

Presidente da CNBB fala do desrespeito aos índios e negros para 20 mil pessoas em Coroa Vermelha, na Bahia. Índios protestam

Os 500 anos de civilização cristã no Brasil foram lembrados ontem com uma missa, na Praia de Coroa Vermelha (BA), o mesmo local da primeira missa, em 26 de abril de 1500. Sob chuva e ventos, a cerimônia reuniu cerca de 20 mil pessoas — um número bem abaixo dos 50 mil a 100 mil previstos.

A missa foi celebrada pelo enviado especial do papa, o cardeal Angelo Sodano, secretário de Estado da Santa Sé, e concelebrada por quase 300 bispos, entre os quais vários estrangeiros. Um dos mais conhecidos era d. Ximenes Belo, do Timor Leste, ganhador do Prêmio Nobel da Paz em 1996. Na primeira parte da cerimônia, o presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), d. Jayme Chemello, pediu perdão aos índios, "cujos direitos nem sempre foram respeitados", e aos "irmãos e irmãs negros, por não termos sempre respeitado sua dignidade".

A seguir, sem desautorizar o pedido de perdão, d. Angelo Sodano enfatizou o papel da Igreja na formação do País. "Quem mais ajudou a civilizar as populações indígenas que o trabalho missionário? Quem mais fez pela instrução do povo que a Igreja? Quem mais envidou esforços na moralização da família?"

Minutos antes, o cardeal ha-

via ouvido um jovem pataxó apresentar, de costas para ele, um ponto de vista muito diferente sobre o tema, que não estava incluído na programação oficial. "São 500 anos de sofrimentos, massacres, exclusão, preconceito, exploração, extermínio de nossos parentes, aculturamento, estupro de nossas mulheres, devastação de nossas terras."

Eco da repressão

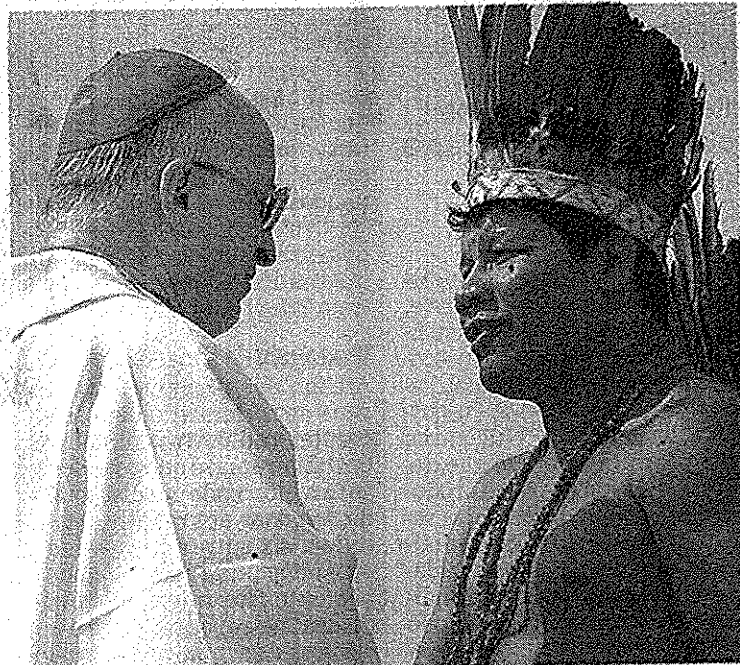
Seu discurso foi o principal eco, na missa, da repressão às manifestações indígenas que haviam ocorrido no mesmo local, no dia 22. Até essa data, estava previsto que negros e índios teriam participação simbólica na missa, em rituais como o ofertó-

rio e a apresentação do Evangelho. Mas, após a violência policial, os pataxós da região anunciaram que se ausentariam do ato religioso em sinal de protesto. Inconformada, a CNBB mnegociou e aceitou a imposição dos índios: eles só iriam se pudessem manifestar-se. De costas para o legado pontifício, eles abriram uma faixa de pano preto, em toda a extensão do altar, em sinal de luto, enquanto era lido o discurso de protesto contra a festa. O escolhido para ler o texto foi Matalauê, de 24 anos.

O governo brasileiro foi representado pelo vice-presidente Marco Maciel. Também estava presente o ministro do Esporte e Turismo, Rafael Greca. A chuva prejudicou a apresentação de Daniela Mercury. Ela cantou *Ave Maria do Morro*, acompanhada por um coral.

Roldão Arruda, de Santa Cruz Cabralia

Inácio Teixeira/Coperphoto



PAPEL POSITIVO: Angelo Sodano, da Santa Sé, lembrou atuação da Igreja

Nau capitânia: MP quer saber de quem é o erro

Engenheiro naval inglês diz que foram desrespeitados princípios básicos da construção de réplicas. Navio custou R\$ 3,8 mi

O procurador João Bosco Araújo Fontes Filho, do Ministério Público Federal na Bahia, abriu inquérito, ontem, para apurar de quem é a culpa pelos sucessivos erros cometidos na construção da réplica da nau capitânia de Pedro Álvares Cabral, que custou cerca de R\$ 3,85 milhões — dos quais R\$ 2,5 milhões saíram do governo.

O engenheiro naval inglês Ralph Nicholson, que construiu a réplica da caravela Niña, de Cristóvão Colombo, para as comemorações dos 500 anos do Descobrimto da América, disse que foram cometidos erros elementares na capitânia.

A nau não ficou pronta para as comemorações dos 500 anos do Descobrimto do Brasil e apresentou vários problemas quando a equipe do Clube Naval do Rio de Janeiro, que a construiu, tentou fazê-la navegar. Anteontem, a embarcação ficou à deriva, na terceira tentativa de chegar a Santa Cruz Cabralia, e precisou ser rebocada para a Base Naval de Aratu.

Agora, o presidente do Clube

Naval, Domingos Castelo Branco, o responsável técnico pela obra, comandante Cláudio da Mata, e representantes da Base Naval devem se explicar à Procuradoria, que tem prazo de 40 dias para concluir o inquérito.

Nicholson disse que os construtores da capitânia desrespeitaram os princípios básicos da construção de réplicas. "Eles usaram fibra de vidro no casco e acrescentaram vários equipamentos modernos, descaracterizando completamente um projeto desse tipo", disse, lembrando que o problema da falta de lastro é imperdoável por ser previsível, pela altura da embarcação.

Nicholson também não acha plausível a justificativa de que os construtores não tiveram acesso a plantas das embarcações do século 16. "Ao construir a Niña, também não tive, mas pesquisei muito."

Biaggio Talento/AE